

Todo mundo aguarda o pacto (mas que pacto?)

Sarney, Ulysses e Maciel calam-se, enquanto todos ganham tempo na expectativa da Constituinte

RENATO RIELLA
Secretário de Redação

O presidente Sarney ainda não anunciou as bases do seu pacto, mas um pacto informal já está no ar, pelo qual o próprio Sarney não fala. Ulysses Guimarães não tem o que dizer e Marco Maciel aguarda os acontecimentos. Foi assim que transcorreu o fim de semana, um dos mais tranquilos dos últimos tempos, como se a bonança pudesse anteceder a tempestade.

Há um estado de perplexidade em Brasília e ninguém sabe ao certo o que está acontecendo. E pior ainda: ninguém sabe o que pode acontecer. De concreto, o presidente Sarney tem um ministério vago (o da Educação), cujo ministro Jorge Bornhausen permanece há uma semana no cargo interinamente, mas hoje deve comunicar ao Palácio do Planalto que não dá mais. Afinal, sem poderes para resolver nada, até pedra no seu carro oficial já recebeu e isso é demais para qualquer pessoa.

Aqueles que têm memória curta, é sempre bom lembrar que tudo isso não começou apenas com a indicação do vice-governador de Pernambuco, Carlos Wilson, para a superintendência da Sudepe, como homem de confiança do PMDB. Muitas outras indefinições e choques ocorreram (a demissão do ministro Joaquim Francisco, do Interior, é um exemplo), até compor o quadro que detonou a Aliança Democrática.

Depois de perderem as eleições de novembro passado, os políticos do PFL continuaram fiéis ao Governo Federal, mesmo durante o fracasso do Plano Cruzado. O PMDB, apesar de jogar bastante na oposi-

ção, faturou todos os benefícios da fase útil do Cruzado, venceu as eleições e permaneceu forte no Governo, sob contínua desconflança do presidente Sarney.

Os pefelistas, achando que são os mais fiéis dentre os seguidores do Governo, sentiam-se nos últimos meses perseguidos por ministros do PMDB, nas suas relações com as bases regionais, e entre esses ministros o mais visado é justamente o da Previdência Social, Raphael de Almeida Magalhães.

Assim, o episódio da Sudepe apenas transformou-se no estopim que explodiu toda esta bomba. A convicção entre PMDB e PFL é impossível a partir de agora, embora ministros como Antônio Carlos Magalhães, João Alves e Abreu Sodré possam permanecer na equipe Sarney sem maiores problemas, pela falta de um compromisso maior com o próprio partido.

Toda a crise desemboca em soluções imprevisíveis esta semana, entre as quais se vislumbra até a possibilidade de um rompimento do PFL, liderado pelo senador Marco Maciel, com o Palácio do Planalto (é bom lembrar que, no meio de todo este conflito, Maciel permaneceu mantendo contatos com Sarney). O ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, embora tenha se mantido distante do presidente Sarney em duas oportunidades, preservando-se bastante na semana passada, está numa posição mais moderada em relação aos outros líderes do seu partido.

Hoje Sarney precisará, pelo menos, indicar um ministro-tampão para o lugar de Jorge Bornhausen. Em paralelo, terá de apressar a formulação da sua

proposta de pacto, porque enquanto não se resolver esta reforma ministerial ninguém trabalha no Poder Executivo.

A expectativa, portanto, é a fala do Presidente à Nação, que poderá ocorrer amanhã, trazendo importantes definições (a menos que Sarney resolva ganhar mais tempo para aguardar a votação do parlamentarismo na Constituinte).

Informações divulgadas nas últimas horas, de que o Presidente vai defender o mandato de cinco anos com presidencialismo, não são novidades. O fato novo nos planos do Presidente é que ele está disposto a cercar-se apenas de políticos em que possa confiar cegamente e entre estes não se incluem parlamentaristas como os ministros Raphael de Almeida Magalhães ou Paulo Brossard.

Políticos com trânsito no Palácio do Planalto afirmam que Sarney, tendo chegado no mês passado exatamente à metade do seu mandato, está disposto a mudar de atitudes. "O Presidente quer entrar para a história do Brasil", dizem esses políticos, assegurando que a reforma ministerial atingirá de cinco a dez ministros.

Um dos ministros da Casa comentou, no último fim de semana, que passa pela cabeça do Presidente a intenção de baixar uma espécie de cruzado político, mas teme-se, nos meios políticos, que adie essa decisão até a Constituinte votar o sistema de governo.

Hoje, quando o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, decidir por quanto tempo os trabalhos da Comissão de Sistematização serão prorrogados (o mais provável é o prazo de 15 dias), o País saberá também o prazo máximo que Sarney terá para concluir a implantação do novo pacto.

Ulysses apenas passeou no Lago

Nem a crise política nem a iminência de uma reforma ministerial foram suficientes para alterar a tranquila rotina de domingo na Península dos Ministros. Entre os principais personagens do momento político, alguns nem saíram de casa — como o deputado Ulysses Guimarães, presidente da Constituinte, da Câmara e do PMDB. Outros, a exemplo do ministro Raphael de Almeida Magalhães, pivô da crise, preferiram passar o final de semana no litoral, como se nada estivesse acontecendo.

Na expectativa do tão esperado encontro entre o presidente Sarney e o deputado Ulysses Guimarães, os repórteres alternaram-se em plantões na residência do dirigente peemedebista. O resultado não poderia ter sido mais frustrante: a única oportunidade em que o tripresidente afastou-se alguns metros de casa foi para sua caminhada diária pela beira do lago, em companhia do vi-

zinho e amigo Renato Archer, ministro da Ciência e Tecnologia.

O domingo de Archer, aliás, foi consumido em idas e vindas à casa de Ulysses. Além da caminhada matinal, ele almoçou com o amigo e, à tarde, ainda jogou cartas com dona Mora Guimarães e sua esposa, enquanto o tripresidente fazia a sesta.

Na casa do ministro Raphael de Almeida Magalhães, o mais notório alvo da reforma ministerial, nem mesmo a segurança estava a postos. Alertado pela campanha, um solicito funcionário informou que o titular do MPAS viajara na sexta-feira para o Rio de Janeiro e só regressaria às 17h30 de hoje. Em sua agenda de final de expediente, não há qualquer contato previsto com as lideranças dos previdenciários.

Presença constante nas articulações em torno da reforma ministerial, o ministro Ronaldo Costa Couto, chefe do Gabinete Civil,

também passou um dia tranquilo. Como a maioria dos pais desquitados, segundo informaram seus assessores, dedicou o domingo aos filhos.

SARNEY

O presidente José Sarney continuou ontem o trabalho de elaboração do documento de formalização da nova base de sustentação política, que deverá anunciar possivelmente amanhã, em cadeia nacional de rádio e televisão. O Presidente passou todo o dia no Palácio da Alvorada e, ao contrário dos outros finais de semana, não recebeu nenhuma liderança política.

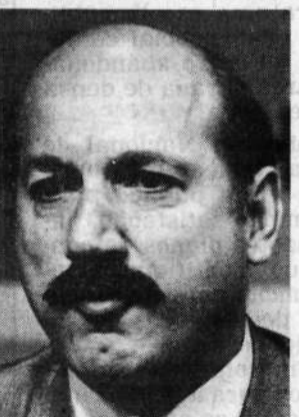
Dona Marly Sarney, que estava em São Luís, chegou no final da tarde, acompanhada do filho, deputado José Sarney Filho. O único ministro a ir ao Alvorada foi o da Administração, Aluizio Alves, que, juntamente com o filho, deputado Henrique Alves, assistiu a uma missa com o Presidente da República.

Programa pode reconquistar PFL

Não será a reforma do ministério — mesmo que seja ampla — que garantirá a permanência do PFL no Governo, mas a adoção de um programa de governo explícito de tal forma que só permita a adesão de políticos dispostos a defender todas as causas pregadas pelo presidente José Sarney.

A ressalva é do líder do PFL do Senado, Carlos Chiarelli, que assegura que uma simples troca de nomes, mesmo que do PMDB, não será suficiente para segurar o partido do Governo.

— Por isso mesmo, explica o senador, o partido vai reunir-se logo após a divulgação do documento



Luiz Henrique

com a proposta de pacto político do presidente Sarney. Pelo texto, as lideran-

ças do PFL entendem que poderão identificar logo se o Governo busca de fato uma nova base de apoio ou se pretende apenas contornar a crise, mantendo a mesma correlação de forças entre PMDB e PFL.

— Não será a substituição do ministro Raphael que indicará uma vitória do PFL, nem sua permanência significará que perdemos. O PFL simplesmente não está querendo uma troca de nomes — diz Chiarelli, que reconhece que não deve ser fácil para o presidente Sarney redefinir sua base de sustentação política de tal forma que não se choque com o PMDB, o que, certamente, pretende evitar.

PMDB não acredita em presidencialismo

O líder do PMDB na Câmara, deputado Luis Henrique (SC), disse ontem acreditar ser "especulação" a notícia de que o presidente José Sarney teria incluído em seu novo documento de governo a ser apresentado esta semana, a defesa do presidencialismo e de cinco anos de mandato. Sarney teria optado por incluir essa modificação no texto, após conversas com o presidente do PFL, senador Marco Maciel (PE), na última sexta-feira.

Segundo Luis Henrique, o documento que está sendo preparado pelo Presidente deverá vir baseado nos pontos programáticos do PMDB. No início da semana passada, o líder peemedebista tomou café da manhã com o Presidente, no Palácio da Alvorada. Destacou o deputado, em relação ao sistema de governo e duração do mandato pre-

sidencial, que o partido não havia se decidido sobre a matéria.

O senador José Fogaca (PMDB-RS) declarou que se o Presidente quiser definir as questões do sistema de governo e do mandato, optando pelo presidencialismo com cinco anos,

"criará um impasse em desfavor do Palácio." Em sua opinião, o Presidente ficará "num beco sem saída, encerrado por si mesmo." Lembrou o parlamentar que o PMDB não chegou a se definir durante a Convenção Nacional realizada em julho, sobre a questão.

Ao comentar a possibilidade do Palácio ter enviado ao Congresso documento pedindo o apoio dos peemedebistas à tese do presidencialismo com cinco anos, Fogaca disse: "A postura do partido é de que seus membros só assinarão documento previamente sufragado pela Executiva Nacional". Argumentou, contudo, que os membros da Executiva ficarão num dilema, pois não poderão assinar o documento em razão do resultado da Convenção partidária que optou por delegar aos constituintes a decisão.



Chiarelli